

22  
A GAZETA - Vitória (E.S), Quinta-feira, 16/05/85

TE 371

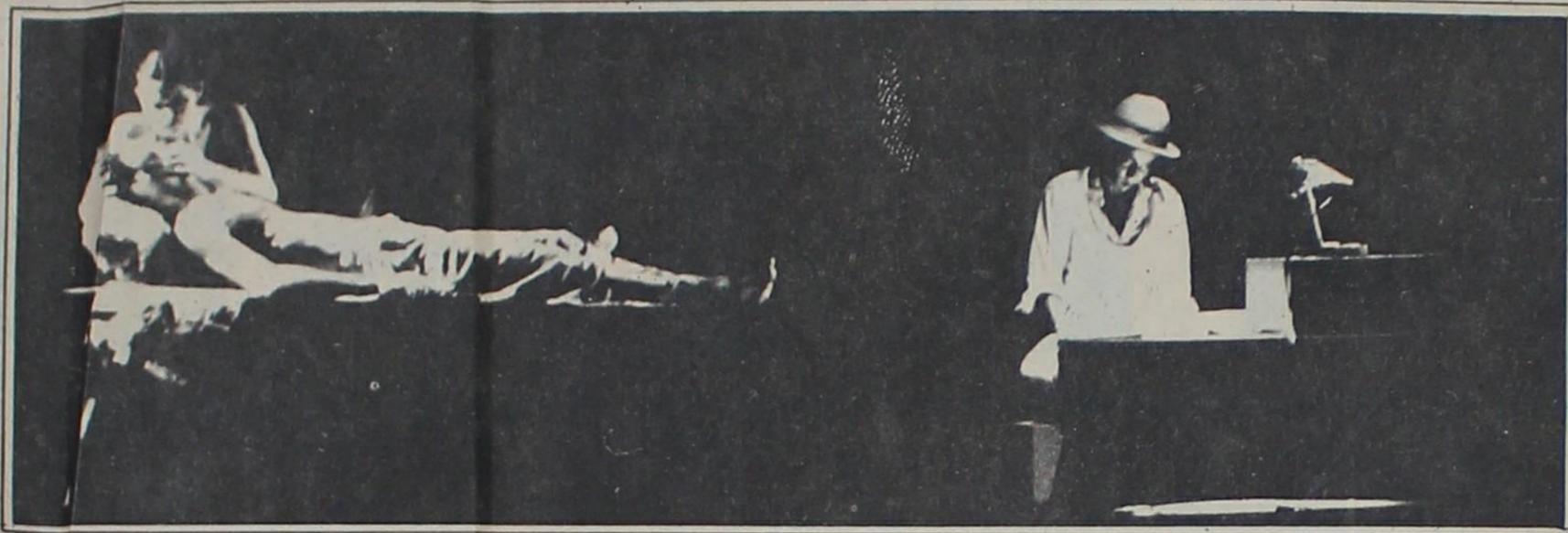
A Noite das Longas Facas

BR. TBES-C. 514

16

## teatro

Foto de Gildo Lovola



A Noite das Longas Facas volta ao Carlos Gomes. O autor diz que é ficção-científica "porque só vai acontecer daqui a 30 anos, ou seja, em 1985"

### A volta da "ficção-científica" "A Noite das Longas Facas"

**A NOITE DAS LONGAS FACAS, SEGUNDA PARTE** — De hoje a domingo, às 21 horas no teatro Carlos Gomes. Peça de Amylton de Almeida. Ingressos a Cr\$ 7 mil. Direção de Claudino de Jesus. Produção de Cooperativa dos Jornalistas. Cenário de Tião Sá. Figurinos de Márcia Soriano. Máscaras de Rômulo Musielo. Com Altair Caetano, Cláudio Gobbi, Cristina Moreira, Elisa Lucinda, Hugo Júnior Brandão, Rosé Sodré, Tião Sá, Vera Vianã.

Junho de 1934: Adolf Hitler mata mil pessoas no episódio que ficou conhecido como **A Noite das Longas Facas**. Em 1942, Anne Frank refugia-se num edifício com sua família, passando lá dois anos, sendo morta em 1945 e deixando um diário. Junho de um ano qualquer: oito pessoas se refugiam no 15º andar de um edifício abandonado. São perseguidos políticos, no Brasil. No mundo exterior, há obrigatoriedade de se ter um poster de Cristo na parede, como artes de ditadores. Das oito pessoas, quatro fazem parte do movimento de resistência. Há também duas mulheres: Sandra, separada do marido, presa e torturada; Norma, que se esconde por medo e Celso, um rapaz de infância muito po-

bre. Renato, o líder, chega da rua e avisa que há um traidor entre eles.

O autor, premiado pelo concurso de dramaturgia Cláudio Bueno Rocha, afirma: "Acho que é necessário explicar certos detalhes, já que estamos numa cidade em que o Estado financia um filme de fora e despreza ostensivamente seus artistas locais, a não ser em épocas eleitorais. **A Noite das Longas Facas** está à esquerda da esquerda, na medida em que os personagens se situam num realismo que é uma representação ideológica do processo histórico. Recorrendo a uma situação sem saída, os personagens se situam à margem do sistema revolucionário e contra-revolucionário. Eles são a revolução mesmo que esse processo contínuo interligue diversas situações históricas da luta do espírito humano contra a barbárie. É evidente que a representação substitui os nazistas da década de 30 pelos fanáticos de 1985, a partir do título, porque enquanto as fanfarras foram substituídas pela admoestação, pelo "aniquilamento através da brandura", a ideologia permanece a mesma. Os personagens desta peça enfrentam o inconsciente de todo um sistema — por isso estão armados,

resistindo num esconderijo e enfrentando, dramaticamente, a ameaça de uma traição. Porém pelo compromisso eternamente democrático (leia-se: revolucionário) toleram até mesmo a presença do delator, acreditando que — dispensando-se a execução sumária de outros tempos revolucionários — poderia fazê-lo compreender a filosofia de benefício geral. A fome e a sede são permanentes no esconderijo, como sempre; como Anne Frank o escritor dessa peça ainda acredita e hesita; como no mundo do rock, o inconsciente exige uma ação radical; como no mundo feminista, há um impasse para a mulher consciente, que é obrigada a agir revolucionando toda a ideologia do mundo que lhe fornecera.

— Eu pensei, continua, Amylton de Almeida, "ter escrito, enquanto jornalista e escritor, uma súmula de minha sociedade. Porém cheguei à conclusão de que na verdade escrevi uma peça de ficção-científica. Ou seja: como estamos em 1958 e eu tenho 12 anos de idade, é lícito informar que a peça tem as preocupações de um adolescente. Ou seja: estou falando de coisas que só acontecem daqui a 30 anos, como uma mulher que apanha do marido,

começa a comer terra e é levada para o hospício; uma mulher que apanha do marido, larga-o, resolve trabalhar e tem a filha tirada pela família; um escritor que é obrigado a enterrar livros, é espancado e quase morre; e estou falando de um travesti que é preso e torturado; de escritores escrevendo apesar de saberem que é proibido escrever, porque os livros são queimados; e estou denunciando a Maioria Moral, movimento norte-americano que queima livros e discos progressistas; e estou juntando todos esses dados e colocando personagens resistindo armados. Estou colocando um escritor, que todos chamam de Anne Frank porque ainda acredita na humanidade, relatando todos esses horrores. Que, é claro, não existem hoje, quando a América Latina, o Brasil e Vitória são democráticos, felizes, contentes, cheios de paz, ordem e progresso. Não estou querendo barrar o futuro, mas posso adiantar a vocês uma informação: daqui a 6 anos, portanto, 1964, haverá um golpe militar no Brasil que vai durar vinte anos. Paranóia minha? Desculpe. Mas eu acho que vai acontecer isso, em 1964. Mas é uma invenção, nessa peça que é, portanto, uma ficção-científica".